

BOLETIM DE CONJUNTURA



preços de venda

carteira de encomendas

estudo dos negócios

2017

1º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

O primeiro trimestre de 2017 foi marcado por um desempenho muito positivo da economia nacional e internacional. A indústria portuguesa de calçado acompanhou esta tendência, tendo aumentado a produção e reforçado a sua carteira de encomendas, o que lhe permitiu voltar a aumentar os níveis de emprego. Consequentemente, a opinião das empresas sobre o estado dos negócios atingiu o seu nível mais positivo dos últimos seis anos.

As previsões para o segundo trimestre do ano são muito otimistas, particularmente no que respeita à produção e encomendas, o que leva as empresas a acreditarem numa melhoria adicional do estado dos negócios. Este otimismo é comum às empresas de todos os escalões de dimensão e orientação de mercado. Nesta conjuntura favorável, a escassez de mão-de-obra qualificada e o abastecimento de matérias-primas são das principais preocupações da indústria.

Para este Boletim da Conjuntura, a APICCAPS introduziu diversas alterações no seu conteúdo e processo de elaboração. Com estas alterações registou-se um aumento considerável da amostra, que reforçou particularmente a representação de empresas de menor dimensão. Assim, os resultados agora apresentados podem não ser estritamente comparáveis com os reportados em trimestres anteriores.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

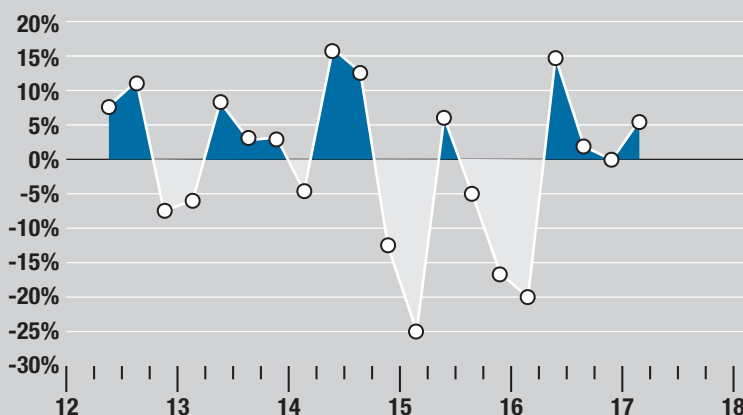
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

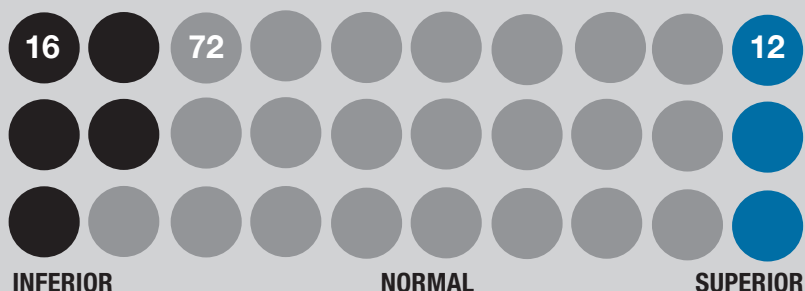
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Indo de encontro às expectativas empresariais, no início de 2017, a produção da indústria portuguesa de calçado cresceu, tendo as empresas que registaram um aumento excedido as que sofreram uma diminuição em 6 pontos percentuais (p.p.) e sendo este saldo de respostas extremas (s.r.e.) crescente com a dimensão das empresas. No entanto, as empresas com orientação para o mercado português fazem uma apreciação menos favorável da situação, apresentando um s.r.e. de -6 p.p. Corrigidos os efeitos da sazonalidade, a apreciação do nível de produção encontra-se agora ao nível mais elevado dos últimos três anos.



Utilização da Capacidade



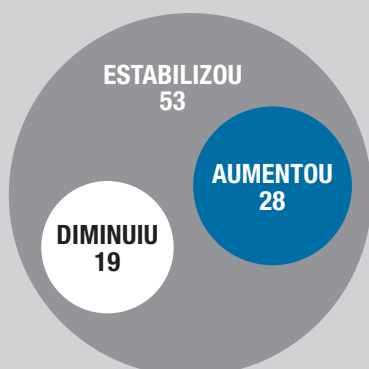
Quase três em cada quatro empresas consideram que, no primeiro trimestre, a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Apesar do crescimento da produção, são mais os inquiridos que dizem que a utilização da capacidade esteve abaixo do que acima do normal (s.r.e. -4 p.p.). Invertendo o que se passou no final de 2016, as empresas orientadas para o mercado nacional mostram-se menos satisfeitas do que as restantes.

Carteira de Encomendas

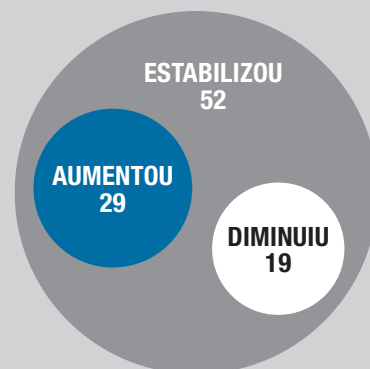
O comportamento da carteira de encomendas excedeu as expectativas formuladas no final do ano anterior: o saldo de respostas extremas atingiu +9 p.p. quando as previsões eram de que fosse negativo. Mais uma vez, as respostas foram mais favoráveis entre as maiores empresas e entre as orientadas predominantemente para os mercados internacionais. Tal como a produção, corrigido o efeito da sazonalidade, este indicador encontra-se agora ao nível mais elevado dos últimos três anos.

A carteira de encomendas provenientes do estrangeiro teve uma evolução igualmente favorável: as empresas que consideram que a carteira aumentou excedem em 10 pontos percentuais as que consideram que diminuiu. Este saldo é crescente com a dimensão das empresas, sendo de salientar que, entre as maiores, nenhuma registou uma diminuição da carteira. Cerca de metade das empresas declaram, no entanto, que a carteira permaneceu inalterada.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



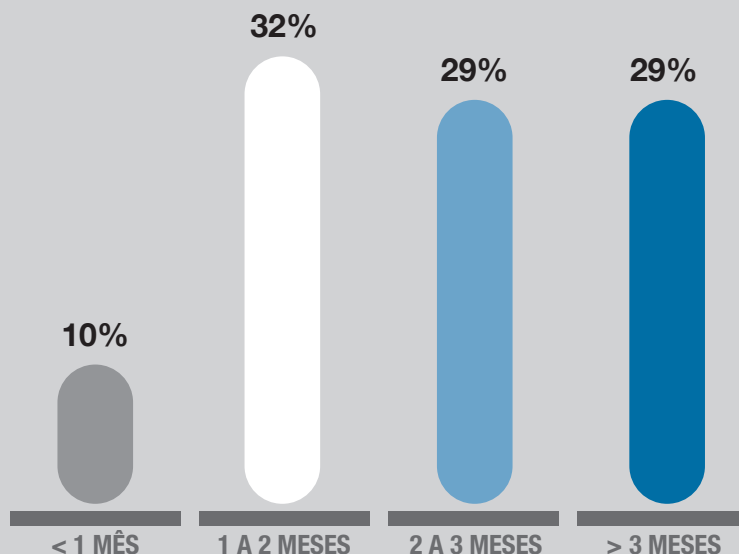
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

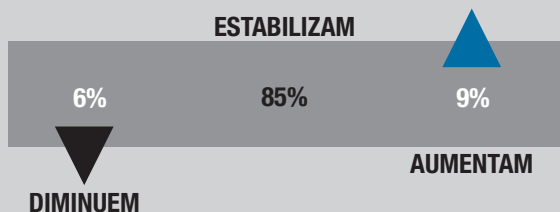
A evolução favorável da carteira de encomendas reflete-se num considerável alongamento do tempo de produção assegurado: uma significativa maioria das empresas inquiridas (58%) afirma ter dois ou mais meses de laboração garantida. Por escalão de dimensão, esta percentagem só fica aquém dos 50% para as pequenas empresas. O mesmo acontece às empresas que vendem maioritariamente para Portugal, quando o critério de segmentação é a orientação de mercado.



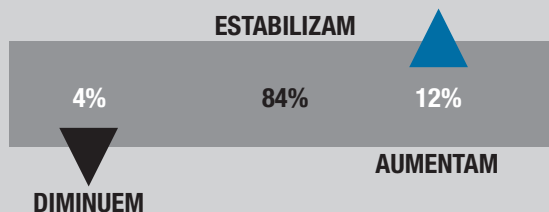
Preços

As respostas das empresas inquiridas apontam para uma tendência de subida dos preços, mais clara nos mercados internacionais do que no mercado português. No que respeita a Portugal, as empresas que indicaram que os preços aumentaram excederam, pelo segundo trimestre consecutivo, as que disseram o inverso mas o saldo de respostas extremas foi de apenas 3 p.p. Já quanto aos preços no estrangeiro, este saldo foi mais robusto, atingindo 8 pontos percentuais. Em ambos os casos, a larga maioria das empresas (85 e 84%, respetivamente) declara, no entanto, que os preços permaneceram estáveis.

EM PORTUGAL



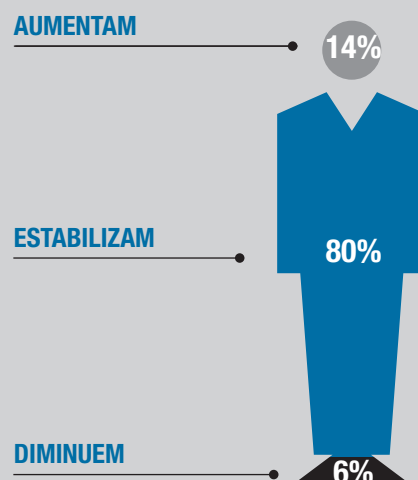
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

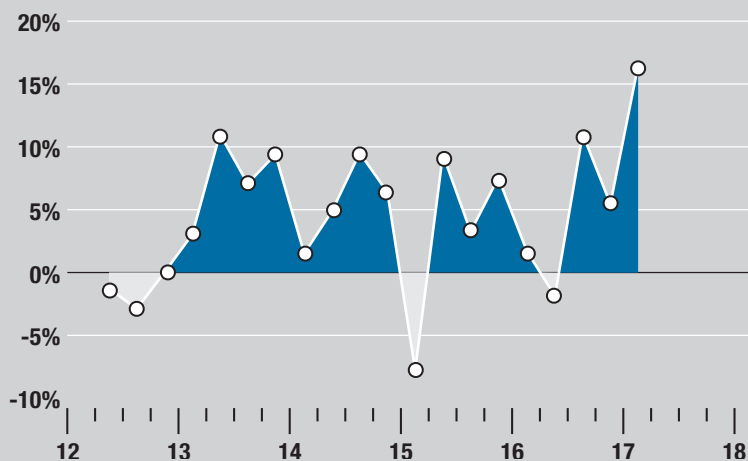
Embora quatro em cada cinco empresas afirmem não ter alterado o número de pessoas ao seu serviço, entre as restantes, as que o reforçaram excederam as que o reduziram em 8 pontos percentuais, o que representa o saldo mais elevado dos últimos dois anos. O crescimento do emprego foi particularmente acentuado nas empresas com mais de 100 trabalhadores, grupo em que o s.r.e. atingiu os 17 p.p. Ao contrário do que aconteceu em respostas anteriores, neste caso, são as empresas totalmente exportadoras que apresentam o desempenho menos favorável, com igual número a apontar para o aumento e a redução do emprego.



Estado dos negócios

As empresas da indústria de calçado foram positivamente surpreendidas pela evolução do estado dos negócios no primeiro trimestre do ano: contrariando as previsões pessimistas que tinham formulado, o saldo de respostas extremas atingiu +17 p.p., o valor mais elevado dos últimos seis anos e um dos mais elevados de sempre. Dois terços das inquiridas consideram, no entanto, que o estado dos negócios é apenas suficiente.

As empresas que consideram que o estado dos negócios no trimestre transato foi melhor do que no mesmo período do ano anterior são também mais numerosas do que as que pensam o contrário (s.r.e. +11 p.p.), o que acontece pela primeira vez no último ano e meio. Há, no entanto, nesta matéria, uma considerável dispersão de opiniões, com 20% das empresas a dizerem que o estado dos negócios piorou, 31% que melhorou e 49% que permaneceu inalterado.



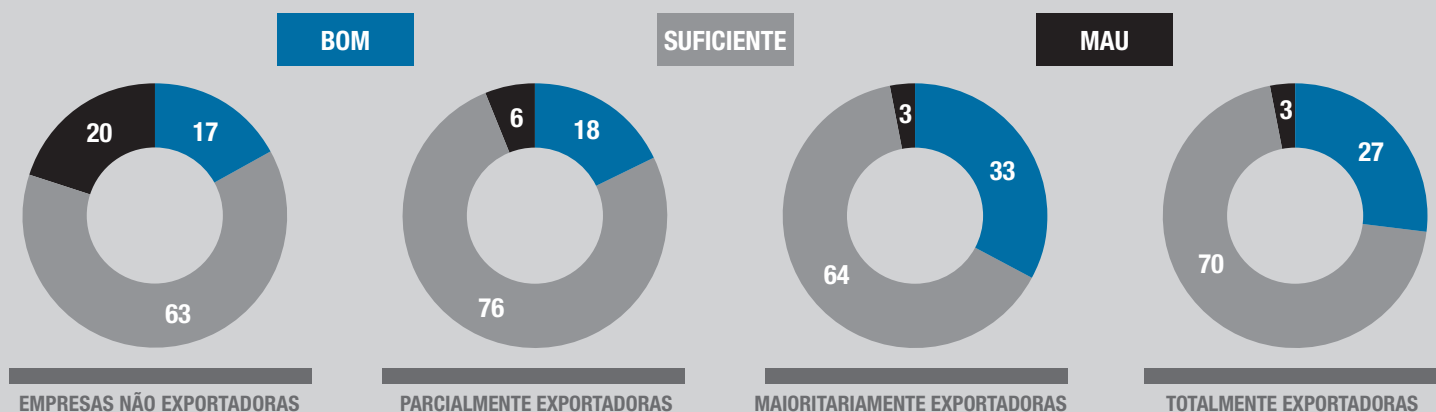
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

A apreciação sobre o estado dos negócios é tanto mais positiva quanto maior a dimensão dos inquiridos: o saldo de respostas extremas varia entre 0 % para as pequenas empresas e +50% para as muito grandes. Numa análise em função da orientação de mercado, tal como aconteceu no trimestre anterior, as empresas orientadas para o

mercado nacional são as únicas que apresentam s.r.e. negativo, em linha, aliás, com o que se verificou em várias das questões anteriores. Este saldo atinge um máximo de 31% nas empresas fortemente exportadoras (75% a 95% de exportação) e é ligeiramente mais baixo nas totalmente exportadoras (mais de 95% de exportação).



Limitações à produção

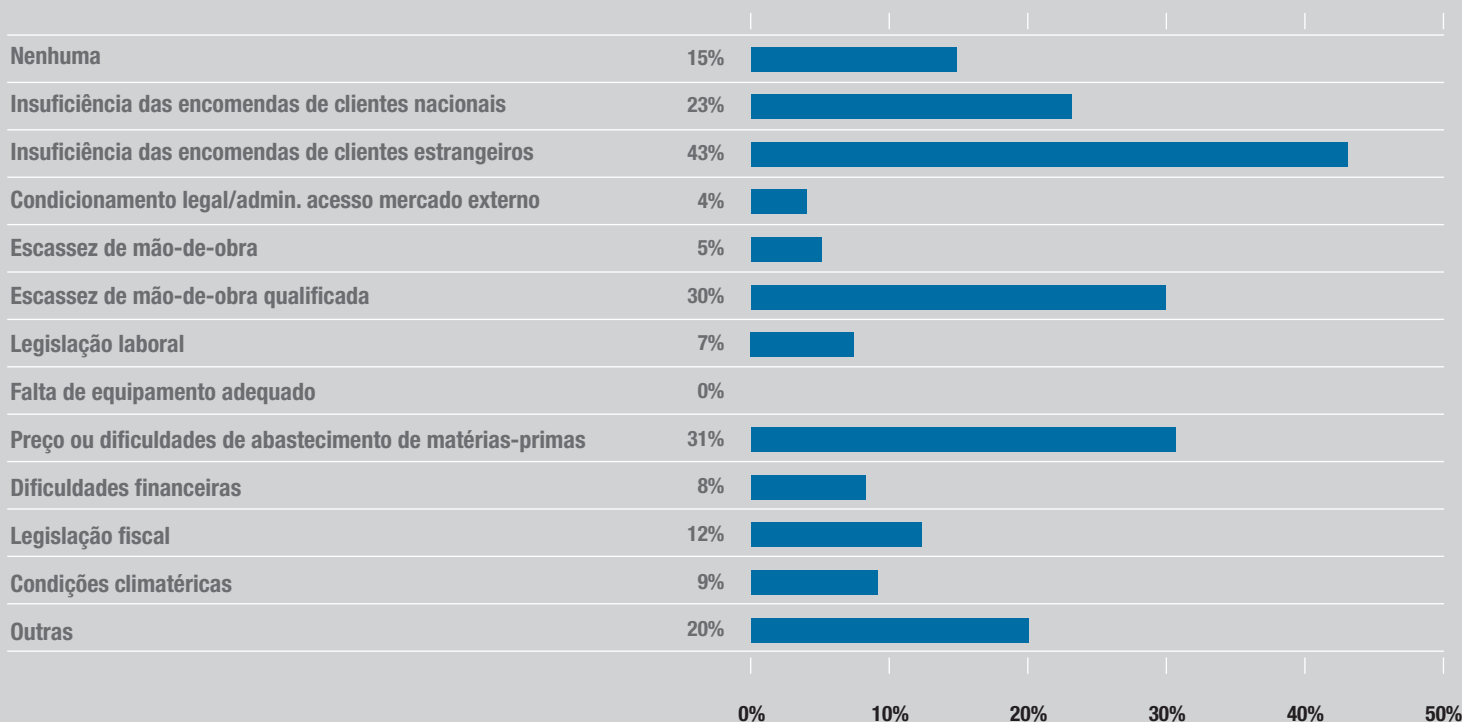
No primeiro trimestre de 2017, como já vem sendo habitual, a limitação à atividade mais frequentemente mencionada pelas empresas foi a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros que afetou 43% dos inquiridos, percentagem ligeiramente inferior à registada no trimestre anterior. Em contrapartida, houve um pequeno aumento das empresas que mencionaram a insuficiência de encomendas de clientes nacionais, dificuldade que foi mencionada por 23% dos inquiridos. As referências a estas dificuldades de mercado foram mais frequentes entre as empresas de menor dimensão.

O crescimento da atividade anteriormente assinalado explica que o acesso a fatores de produção surja em posições de destaque entre as limitações com maior número de respostas. Na segunda posição surgem os problemas relacionados com o preço ou dificuldades de abastecimento em matérias-primas, mencionados por 31% das empresas. Uma percentagem quase idêntica (30%) refere a escassez de mão-de-obra qualificada. Trata-se de

um novo máximo histórico para as referências a este tipo de dificuldades, dando continuidade a uma tendência de agravamento que se tem manifestado ao longo dos últimos anos. As dificuldades prendem-se especificamente com as qualificações, uma vez que as respostas indicativas de escassez de mão-de-obra, em geral, permanecem residuais (5%). Apesar do crescimento da produção, continua a não haver referências a falta de equipamento adequado.

As questões relacionadas com limitações de natureza legislativa ou administrativa registaram algum aumento de referências face ao trimestre anterior. Em particular, a relativa à legislação fiscal que foi mencionada por 12% das empresas inquiridas, o valor mais elevado de sempre, sendo particularmente frequente entre as empresas de maior dimensão. Sete por cento das empresas referiram limitações decorrentes da legislação laboral e 4%, todas de pequena ou média dimensão, de condicionamentos legais e administrativos no acesso aos mercados.

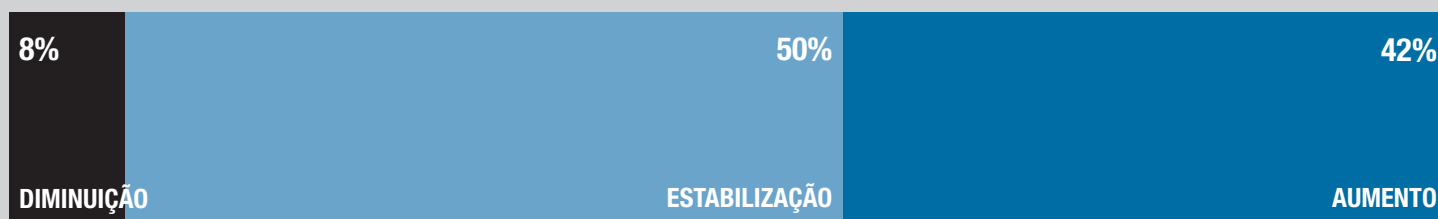
Oito por cento das empresas identificam dificuldades financeiras como uma das principais limitações à sua atividade. No entanto, esta percentagem atinge 20% entre as empresas com menos de 50 trabalhadores e 35% entre as que exportam menos de 50% do seu volume de negócios. Em contrapartida, 15% das empresas dizem não enfrentar nenhuma limitação significativa, sendo esta percentagem mais elevada entre as empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos.



Tendências da produção

Embora seja já habitual que as previsões formuladas no final do primeiro trimestre sejam as mais favoráveis, este ano as empresas estão ainda mais otimistas: as que acreditam num aumento da produção superam em 34 p.p. as que receiam uma diminuição, o que constitui, por

larga margem, um novo máximo para este indicador. Este otimismo é comum a todas as classes de empresas, seja em termos de dimensão, seja de orientação de mercado. Metade das empresas pensa, no entanto, que a produção estabilizará.

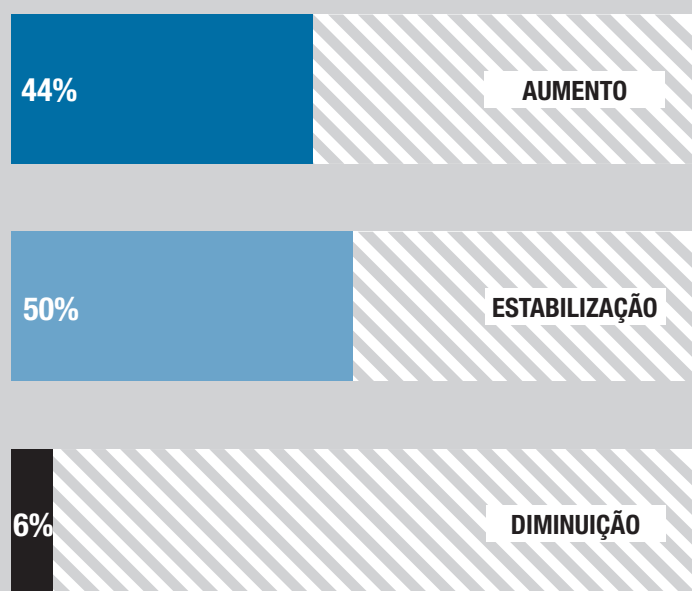


Perspectivas de encomendas

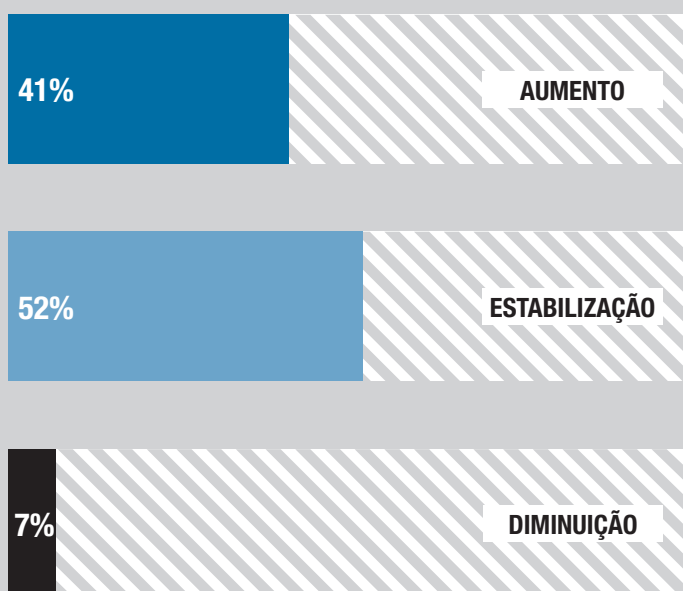
As previsões relativas às encomendas são igualmente otimistas. O saldo de respostas extremas é de +38 p.p. no que respeita à carteira global de encomendas e de +34 p.p. quanto à carteira de encomendas do estrangeiro, em ambos os casos um novo recorde para estes indicadores.

Tal como no caso da produção, o otimismo é extensivo a todas as classes de empresas embora, no que respeita à carteira de encomendas do estrangeiro, as empresas de menor dimensão apresentem um s.r.e. um pouco menor do que as restantes.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

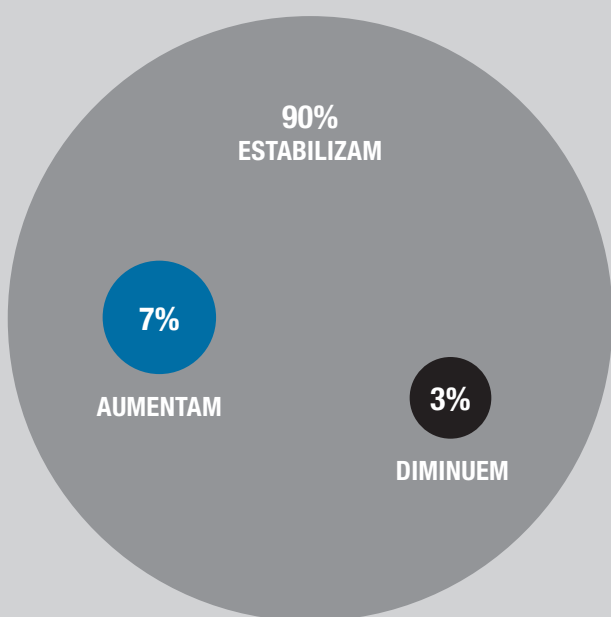


Perspetivas de preços de venda

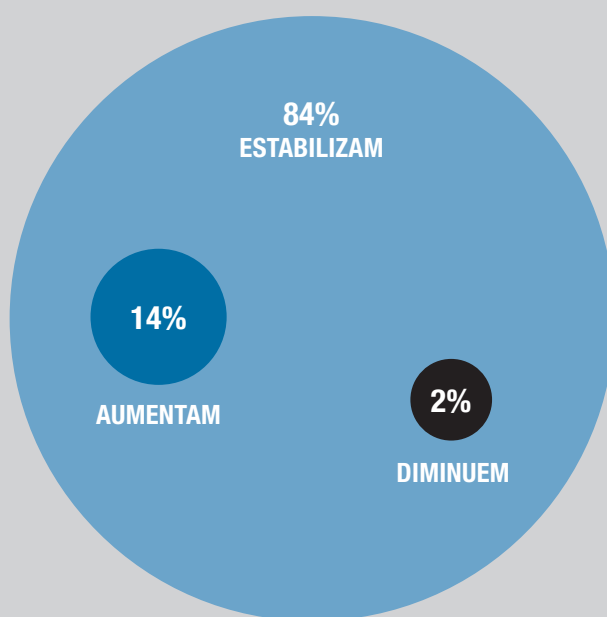
Como é habitual, a larga maioria das empresas prevê que no próximo trimestre os preços de venda permaneçam inalterados: 90% das empresas dizem que assim acontecerá no mercado português e 84% no estrangeiro; em particular, as empresas de maior dimensão, acima de 250 trabalhadores, apontam unanimemente para a

estabilidade dos preços. Entre as restantes predominam, no entanto, as previsões de aumento: o saldo de respostas extremas atinge 4 p.p. no que respeita a Portugal e 12 p.p. quanto ao estrangeiro sendo, neste segundo caso, o mais alto desde 2011.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

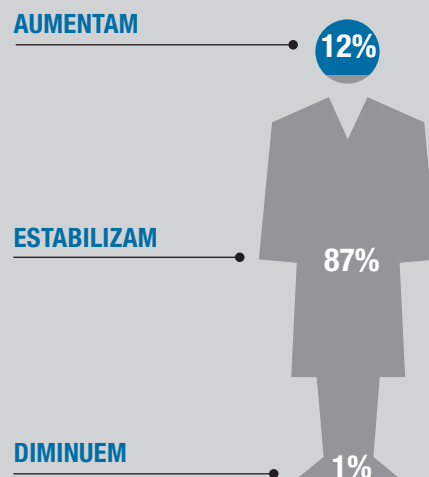


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



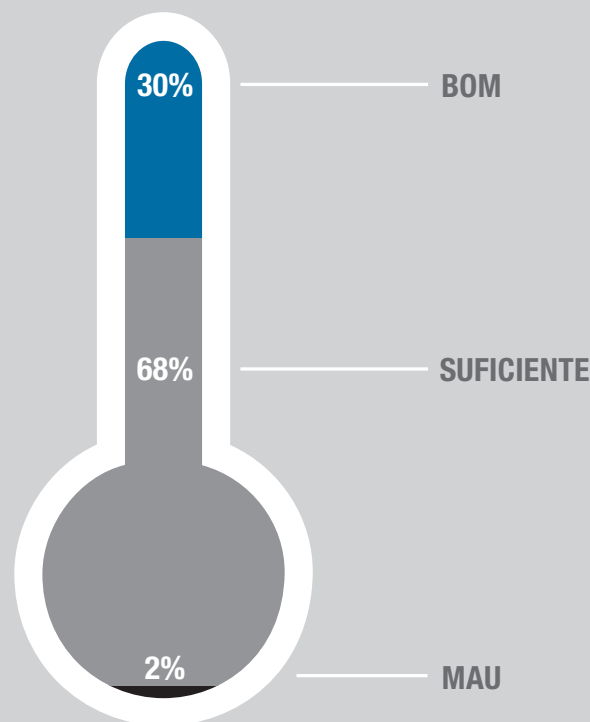
Perspetivas sobre o emprego

Também no que respeita às perspetivas para a evolução do emprego, a estabilidade é a opinião fortemente maioritária (87%) mas as previsões de aumento superam largamente as de diminuição, gerando um s.r.e. de +11 p.p., o segundo mais elevado de sempre. Este saldo é mais acentuado entre as empresas que exportam, pelo menos, 75% do seu volume de negócios do que entre as restantes, mas é positivo para todas as classes de empresas.



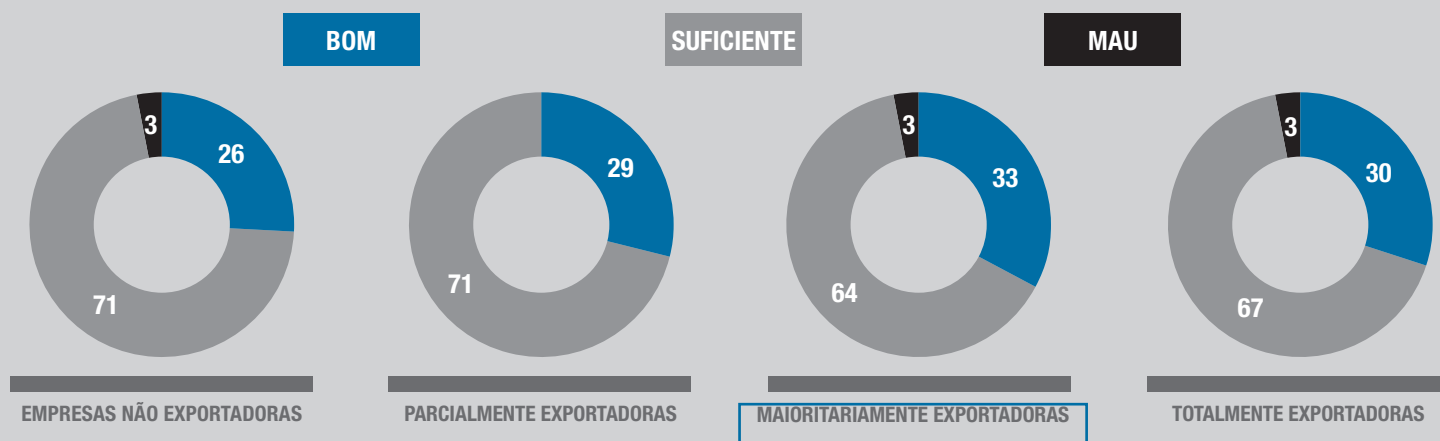
Perspetiva sobre o estado dos negócios

Em consonância com as respostas às perguntas anteriores, as empresas acreditam que o estado dos negócios no segundo trimestre de 2017 será bastante favorável: embora dois terços dos inquiridos apontem para que seja apenas suficiente, o saldo de respostas extremas atinge +28 p.p., o valor mais elevado de sempre.



Apuramento dos resultados

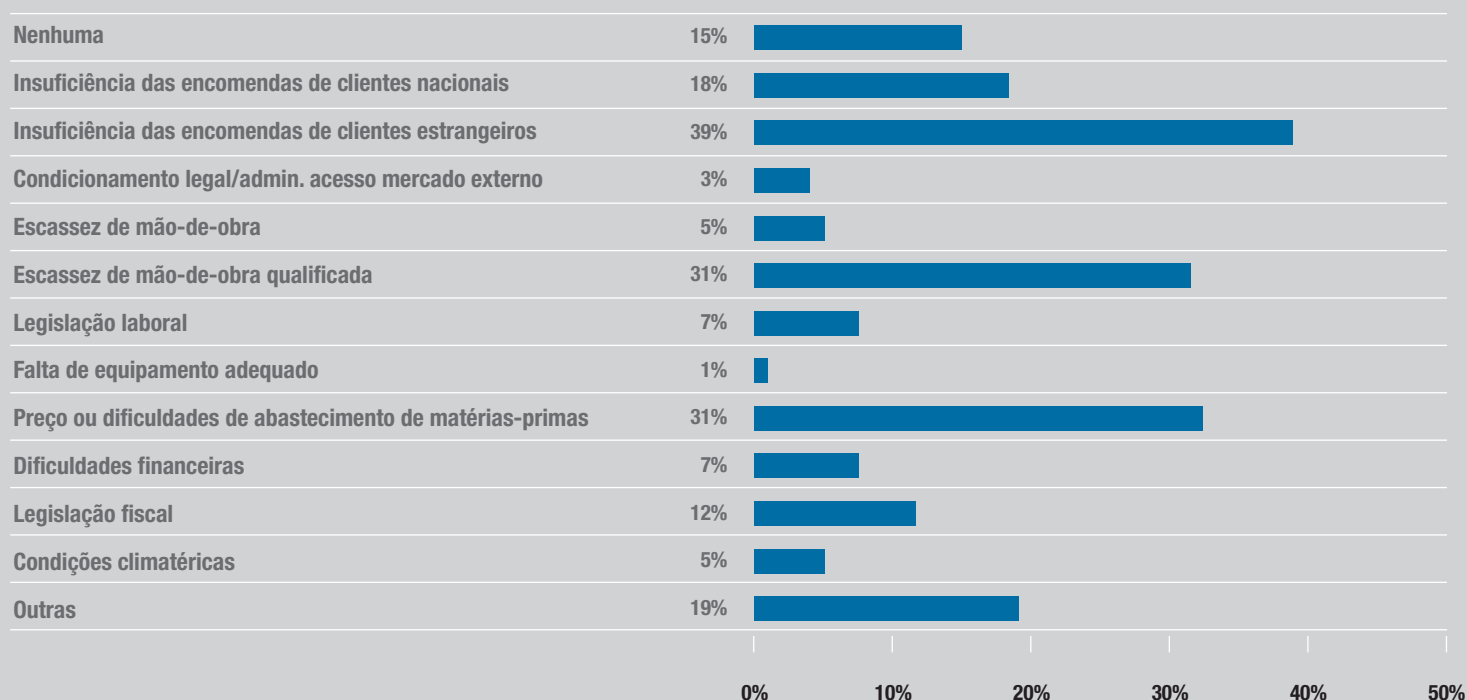
O otimismo quanto ao estado dos negócios é generalizado a todas as classes de empresas, seja em termos de dimensão, seja de orientação de mercado. Em termos de dimensão, o saldo de respostas extremas atinge valores particularmente elevados entre as empresas que empregam 100 ou mais trabalhadores, e o valor mais baixo (mas, ainda assim, de +24 p.p.) para as que têm 50 a 99 trabalhadores. Quanto à orientação de mercado, as empresas que vendem maioritariamente para o mercado nacional apresentam um saldo que, apesar de muito positivo (+23 p.p.), é um pouco mais reduzido do que o das restantes.



Limitações previstas

O otimismo que marca as perspectivas para o próximo trimestre reflete-se na expectativa de um abrandamento das dificuldades de mercado e de um agravamento das que se prendem com o abastecimento de fatores de produção.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



As limitações previstas para o segundo trimestre são lideradas pela insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros que são mencionadas por 39% das empresas, 4 pontos percentuais menos do que as que as sentiram no primeiro. Também as referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais (18%) são substancialmente inferiores às manifestadas no trimestre transato (23%). Em contrapartida, a percentagem de empresas que indica reatar o preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas atinge 32% e as que esperam confrontar-se com escassez de mão-de-obra qualificada atingem 31%.

As empresas preveem algum abrandamento da maioria das restantes dificuldades sobre que são inquiridas. Em particular, a percentagem das que anteveem problemas decorrentes das condições climáticas cai de 9% para 5%. Há também uma ligeira redução das menções a dificuldades financeiras, de 8% para 7%. Quase uma em cada cinco empresas prevê outras dificuldades não especificadas.

Notas de Conjuntura

O Banco de Portugal publicou este mês a sua análise à economia portuguesa em 2016:

“Em 2016 a economia portuguesa registou um crescimento do produto de 1,4 por cento, face a um valor de 1,6 por cento no ano anterior. Embora moderada, esta evolução do PIB apresentou um marcado perfil intra-anual, com uma forte aceleração no segundo semestre do ano, sinalizando que o processo de recuperação da economia tenderá a prosseguir. O crescimento do produto português em 2016 situou-se 0,3 pontos percentuais abaixo do observado na área do euro e o seu nível mantém-se ainda 4 por cento abaixo do registado em 2008, ano em que se iniciou a última crise económica e financeira internacional. (...)”

A evolução do mercado de trabalho em 2016 caracterizou-se por um aumento do emprego acima do Valor Acrescentado Bruto, mantendo o perfil de recuperação verificado a partir do segundo trimestre de 2013. Adicionalmente, embora permaneça em níveis muito elevados, observou-se uma redução de 1,3 p. p. da taxa de desemprego, num quadro de dinamismo salarial superior ao registado nos últimos anos. (...)”

Banco de Portugal, Boletim Económico, Maio 2017

A evolução da economia no início de 2017 confirma as expectativas do Banco de Portugal. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, o Produto Interno Bruto português terá aumentado 2,8% no primeiro trimestre, no que constitui o seu melhor resultado trimestral da última década. O INE explica que “Esta aceleração resultou do maior contributo da procura externa líquida, que passou de negativo para positivo, refletindo a aceleração em volume mais acentuada das Exportações de Bens e Serviços que a das Importações de Bens e Serviços. A procura interna manteve um contributo positivo elevado, embora inferior ao do trimestre precedente, verificando-se uma desaceleração do consumo privado e uma aceleração do Investimento.”

O crescimento do PIB, em 2016, agora anunciado pelo INE é muito semelhante à previsão de 2,7% avançada pelo Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa em abril. O NECEP afirmava então:

“Tendo em conta estes desenvolvimentos recentes, o NECEP projeta um crescimento do PIB de 2,4 % em 2017. No entanto, esta projeção tem subjacente os efeitos desfasados da política orçamental de 2016 e o desempenho fraco da economia no primeiro semestre desse ano que favorece, através do efeito de base, o crescimento em 2017.”

A economia portuguesa parece estar a atravessar, inequivocamente, uma fase de recuperação cíclica desde o 1º trimestre de 2013, embora de menor fulgor face outras recuperações no passado, em particular em matéria de investimento, por via das restrições financeiras que sobre ela pesam na atualidade. (...) o investimento está ainda cerca de 25% abaixo dos níveis observados em 2010, pelo que será necessário observar uma série longa de crescimentos robustos para confiar na solidez da recuperação em curso.”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Síntese da Folha Trimestral de Conjuntura nº48, 1º Trimestre de 2017

No plano internacional, as notícias mais recentes são também positivas. De acordo com o Fundo Monetário Internacional:

“A economia mundial ganhou velocidade no quarto trimestre de 2016 e prevê-se que o ímpeto se mantenha. Projeta-se que o crescimento global aumente dos previstos 3,1% em 2016 para 3,5% em 2017 e 3,6% em 2018.

Prevê-se que a atividade acelere marcadamente nos mercados emergentes e nas economias em desenvolvimento porque se prevê que a situação nos exportadores de commodities que enfrentam tensões macroeconómicas melhore gradualmente, apoiada pela recuperação parcial dos preços das commodities, ao mesmo tempo que se prevê que o crescimento permaneça forte na China e em muitos outros importadores de commodities. Nas economias avançadas, a aceleração é puxada, acima de tudo, pelo maior crescimento projetado nos Estados Unidos, onde a atividade foi travada em 2016 por ajustamentos de inventários e fraco investimento.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO), abril 2017

O FMI prevê que o crescimento nos EUA atinja 2,3%, em 2017, mas que na zona euro se fique pelos 1,7%. As principais economias europeias (Alemanha, França, Itália) deverão ficar abaixo deste valor mas a Espanha deverá crescer 2,6%.

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE